

Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó



Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó
13 a 16 de outubro de 2002

Comissão Organizadora

José Alexandre Felizola Diniz

Maria Cleonice Vergne

Maria Luzia M. Vieira

Maria Tereza S. Cruz

Fernando Lins de Carvalho

Almir Souza Vieira Júnior

Ilustração da capa: Fragmento do painel do Sítio Letreiro

Editoração Eletrônica: Adilma Menezes

APRESENTAÇÃO

O Museu de Arqueologia de Xingó faz entrega à comunidade científica nacional dos Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó, evento realizado em Canindé do São Francisco, de 13 a 16 de outubro de 2002.

Do presente volume constam o relatório sobre o que foi o Workshop, os textos completos das conferências proferidas pelos professores José Luís de Moraes, Pedro Inácio Schmitz e Carlos Alberto Etchevarne, os resumos das 20 comunicações apresentadas em painel e os programas dos minicursos ministrados pelas Professoras Aracy Losano Fontes, Tânia Andrade Lima, Margarida Davina Andreatta, Marisa Coutinho Afonso e Márcia Angelina Alves.

Com essa publicação, o MAX conclui as atividades do Workshop e divulga, no meio arqueológico, as atividades e a produção resultante do evento.

O MAX espera que o Encontro tenha contribuído para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos no país, almejando que dele possa advir um maior interesse por esse campo da pesquisa científica.

INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM CENTROS HISTÓRICOS: O CASO DE SALVADOR.

Carlos Etchevarne*

Nos últimos anos, estudos de arqueologia urbana vêm sendo desenvolvidos em diferentes cidades brasileiras, proporcionando, importantes informações e ensinando reflexões acerca dos processos sócio-históricos formadores dessas cidades. De fato, as intervenções arqueológicas, ainda que em muitos casos sejam ocasionadas pela necessidade inerente às obras de projetos de engenharia ou de arquitetura com fins urbanísticos, estão se multiplicando e se tornando parte constitutiva de toda obra de restauração ou de revitalização de partes urbanas degradadas.

Resulta destas intervenções a evidenciação de estruturas que emergem, às vezes inesperadamente, em contexto contemporâneo e das quais não se tinha memória. Isto quer dizer que se colocam a disposição da população, “novos” elementos compositivos da geografia urbana, que deverão ser, por parte dos moradores, apropriados e resemantizados.

Afirma Milton Santos que “...a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos” e nada nos parece tão evidente quando se trata da paisagem urbana. Efetivamente, partimos do princípio de que as cidades apresentam situações arqueológicas complexas como resultado de diferentes momentos de ocupação, ou seja que as urbes conformam um conjunto estruturado de vestígios variados, representativos de diversos tempos. Conseqüentemente, esses vestígios (estruturas construídas, modificações topográficas, alterações da natureza dos solos, incorporação de espécies exógenas na cobertura vegetal, entre outros) testemunham, de forma eloqüente, sobre o dinamismo que marcou a história da ocupação do espaço urbano.

* Departamento de Antropologia/FFCH/UFBA - E-mails: etchvrn@ufba.br aamae@ufba.br

Nos setores das cidades de maior tempo de ocupação, denominados Centros Históricos, existe uma seqüência de ocupações passíveis de serem observadas arqueologicamente. Uma seqüência que é verificada não somente pelas estruturas edilícias emergentes, mas também pela sucessão de camadas de restos variados (superposição de solos, depósitos, bolsões, mudanças de níveis, etc.) além da incorporação e abandono de espaços.

Assim sendo, os vestígios arqueológicos que conformam a paisagem urbana são os elementos físicos concretos que podem se tornar marcos históricos e referências sociais, para a população contemporânea. Mais ainda, poderíamos dizer que eles se apresentam hoje com uma carga simbólica de tal magnitude que, além de serem atributos mnemônicos são, ao mesmo tempo, elementos metonímicos.

No entanto, deve ser ressaltado que as seqüências históricas de ocupações não estão apenas identificadas pelo construído arquitetonicamente. Há um conjunto de elementos vestigiais que revelam aspectos sociais relativos a essas ocupações de forma mais expressiva que as estruturas murárias. Referimo-nos aos vestígios móveis, como os lixeiros particulares às residências ou aos coletivos das cidades.

Com estes pressupostos foram abordados dois exemplos de intervenção de arqueologia urbana, levadas a cabo pela equipe de pesquisadores do Museu de Arqueologia e Etnologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. O primeiro refere-se aos trabalhos empreendidos na área da antiga igreja da Sé Primacial de Salvador e o outro diz respeito às intervenções efetuadas na área do antigo Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas de Salvador. Os dois casos integram o setor da cidade hoje denominada Praça da Sé, no conhecido Centro Histórico, o popularmente chamado Pelourinho. Ou seja, as intervenções foram efetuadas em uma área de reconhecido potencial arqueológico, referente, em forma especial, mas não unicamente, aos períodos colonial e pós-colonial.

A partir dos primeiros momentos de ocupação portuguesa, iniciada em 1549, com a fundação da cidade, até os dias de hoje a área em estudo teve uma ocupação contínua, mas radicalmente diferenciada. Em linhas gerais podem-se estabelecer três grandes períodos. O período de utilização com fins religiosos, do século XVI a XVIII, que é o de máximo esplendor, o período em que houve uma utilização como local de residências e comércio, do século XIX a XX e o terceiro, já como praça da Sé, com equipamentos urbanos coletivos, da década de 30 do século XX até o presente.

As escavações arqueológicas foram realizadas, então, em um espaço sem estruturas emergentes, já que a construção da praça da Sé exigiu a demolição de todos os edifícios anteriormente construídos. Embaixo de 50 cm de estratos considerados contemporâneos (pisos de paralelepípedos de granito e de pedra portuguesa, com seus correspondentes contra-pisos em areia e arenoso ferroso), encontraram-se as estruturas de alicerces da antiga igreja da Sé e do Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas, os dois grandes conjuntos de edificações que marcaram o período colonial.

No que se refere aos vestígios da primeira Sé do Brasil, começada a ser edificada, provavelmente em 1552, devem ser apontados dois conjuntos de elementos testemunhais. O primeiro refere-se ao espaço construído, que foi sendo modificado em função das necessidades sócio-econômicas e políticas, da cidade. O espaço construído refere-se ao corpo da igreja (nave, capelas laterais e sacristias), às contenções da encosta, sobre a qual foi erigida, e ao adro, que no século XIX se transforma na Praça Dona Isabel. Os alicerces das quinas do edifício, algumas divisões de capelas e sacristias, as fundações das estruturas das escadas que conduziam às torres, restos muros de contenção, fragmentos de pisos empedrados do século XIX, encontrados durante as escavações, podem ser vistos, hoje, pelo público, em função de terem sido incorporados ao projeto de reorganização arquitetônica da praça.

O segundo aspecto que deve ser considerado se refere ao conjunto variado de vestígios móveis coletados, que aludem a particularidades da sociedade colonial de Salvador. Um número notável de enterramentos, foi encontrado dentro do espaço do templo e, principalmente, no adro, utilizado intensamente como área cimiterial. Esta separação espacial reproduzia, evidentemente, a hierarquia social existente. Os mais privilegiados eram enterrados dentro da igreja, com cuidados especiais e os de fora tinham um tratamento pouco cuidadoso, situações ambas identificadas arqueologicamente pelo ordenamento, orientação, posição, número e grau de integridade dos esqueletos encontrados.

Dentro deste segundo tipo de vestígios engloba-se o enorme conjunto de fragmentos de material cerâmico, de uso doméstico, em especial as cerâmicas torneadas, simples ou vidradas, as faianças portuguesas e as porcelanas. Ademais compõem este acervo os restos de materiais construtivos de alimentação, de instrumentos de produção (como ferramentas de ferreiro, marceneiro, pedreiro, fundidor) elementos correspondentes a ta-

refas femininas (rodela de fiar, agulhas, alfinetes e dedais) e outros de atividades preferentemente masculinas (pederneiras, munições, cachimbos europeus e dados), além de objetos de uso generalizado como moedas, selos, medalhas, adornos corporais, etc.

No que tange à área do Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas foi possível identificar o alicerce da fachada externa leste, com a divisão de alguns cômodos e calhas para escoamento e talvez captação de águas pluviais. Para o reconhecimento desta fundação se fez uso das plantas do engenheiro militar José Antônio Caldas, da metade do século XVIII, comparando-a com a igreja jesuítica ainda hoje existente (atual catedral). Outros alicerces foram encontrados, bastante fragmentados por interferências havidas no século XX, que parecem corresponder às primitivas instalações jesuíticas (século XVI e início do século XVII) e a outras relativas às residências do século XIX.

Com relação aos vestígios móveis na área do Colégio observou-se que existiam concentrações bem delimitadas de material de descarte doméstico (ossos de alimentação e cerâmica), depositados em poços cilíndricos, ou locais de restos de materiais construtivos, preenchendo superfícies maiores, com depressões tal vez naturais. Uma das concentrações de lixo foi identificada como anterior à própria construção desta parte do Colégio (isto é, início do século XVII), já que o alicerce corta pela metade a concentração.

Em resumo, os restos fixos e móveis encontrados em ambas as partes da praça, área da antiga Igreja da Sé e Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas, constituem um acervo documental impar para reconstruir o processo de ocupação desta parte da cidade de Salvador. Ademais partir da evidência de conjuntos de vestígios, foram apresentados à população atual novos marcos de referência histórica, suficientemente fortes como para permitir uma re-significação desse espaço citadino.